

**A EMERGÊNCIA TRANSDISCIPLINAR DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA**  
**THE TRANSDISCIPLINARY EMERGENCY OF CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS**

Anielle Aparecida Fernandes de Morais<sup>1</sup>  
 Doutora em Letras e Linguística  
 Universidade Federal de Goiás  
 ([aniellemorais@gmail.com](mailto:aniellemorais@gmail.com))

Alexandre Ferreira da Costa<sup>2</sup>  
 Doutor em Linguística Aplicada  
 Universidade Federal de Goiás  
 ([alexandrecoستا@ufg.br](mailto:alexandrecoستا@ufg.br))

**RESUMO:** Este artigo reflete sobre a formação da Análise de Discurso Crítica como um paradigma transdisciplinar de estudos. Erigida sobre uma confluência entre a linguística, notadamente a Linguística Sistêmico-Funcional e as teorias sociais, a Análise de Discurso Crítica tem como um de seus principais expoentes o professor e pesquisador britânico Norman Fairclough, pioneiro na utilização do termo Análise de Discurso Crítica em um artigo publicado no ano de 1985. Fairclough propôs uma ‘abordagem de discurso textualmente orientada’ composta por categorias para investigação de problemas sociais por meio da linguagem. O cenário descrito justifica o estudo que empreendemos sobre as origens teóricas e constitutivas da Análise de Discurso Crítica sob a rubrica da abordagem teórica de Fairclough que vem sendo, ao longo dos anos, proveitosamente trabalhada por profissionais linguistas e não linguistas na investigação das relações entre linguagem e sociedade em todo o mundo. A pesquisa recorre a pressupostos metodológicos da historiografia linguística, especialmente Koerner (1996) e Swiggers (2010). Os resultados alcançados a partir da discussão apontam para o fato de que a transdisciplinaridade que conjuga as teorias sociais e a Linguística Sistêmico-Funcional se mantém como o principal diferencial da Análise de Discurso Crítica. Adicionalmente a isso, podemos dizer que, pelo diálogo transdisciplinar que propõe, a Análise de Discurso Crítica se posiciona, cada vez mais, como um paradigma socialmente aplicável, sem, contudo, deixar de se caracterizar como uma análise de discurso textualmente orientada.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso Crítica. Linguística Sistêmico-Funcional. Transdisciplinaridade.

**ABSTRACT:** This work reflects on Critical Discourse Analysis formation as a transdisciplinary paradigm of studies. Built on a confluence between linguistics, notably Systemic-Functional Linguistics, and social theories, Critical Discourse Analysis has the British professor and researcher Norman Fairclough as one of its main exponents, a pioneer in the use of Critical Discourse Analysis term in an article published in 1985. Fairclough proposed a ‘textually oriented discourse approach’ composed of categories for investigating social problems through language. This context justifies the study we carried on about the theoretical and constitutive origins of Critical Discourse Analysis under Fairclough's theoretical approach. Over the years, this same approach has been fruitfully worked by linguists and non-linguists in the investigation of relationships between language and society around the world. This research uses methodological concepts from linguistic historiography, especially Koerner (1996) and Swiggers (2010). The results obtained from the discussion

<sup>1</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1341-4048>.

<sup>2</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1243-1927>.

point to transdisciplinarity which combines social theories and Systemic-Functional Linguistics remains the main differential of Critical Discourse Analysis. Additionally, we can say that, through transdisciplinary, Critical Discourse Analysis is increasingly positioned as a socially applicable paradigm without ceasing to be characterized as a textually oriented discourse analysis.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis. Systemic-Functional Linguistics. Transdisciplinarity.

## Introdução

A Análise de Discurso Crítica é um paradigma de pesquisa que se situa na confluência entre a linguística e as ciências sociais. Com a premissa de compreender a linguagem sob a ótica da intervenção e da mudança social, a Análise de Discurso Crítica (doravante ADC), desde a sua emergência, na década de 1980, vem representando uma mudança importante na linguística: primeiro porque desloca o foco de análises descritivo-gramaticais para uma análise da interação linguística com elementos do contexto social, depois porque se desvincula de uma postura estreitamente focada em questões ideológicas e pouco preocupada com as questões de texto.

Comumente reconhecido como precursor da Análise de Discurso Crítica, o linguista e professor britânico Norman Fairclough é autor de uma proposta denominada como ‘análise de discurso textualmente orientada’ (ADTO), a qual vem sendo ostensivamente trabalhada em diferentes áreas de conhecimento, tanto por linguistas quanto não linguistas. Fairclough foi o primeiro pesquisador a mencionar o termo Análise de Discurso Crítica (*Critical Discourse Analysis*) em um artigo intitulado *Critical and descriptive goals in discourse analysis*, publicado em 1985, no periódico inglês *Journal of Pragmatics*.

Diferentes outros estudiosos contribuíram e continuam a contribuir para a divulgação e consolidação da ADC no mundo. Há que se mencionar, nesse mérito, Robert Hodge, Gunther Kress, Ruth Wodak, Teun van Dijk, Theo van Leeuwen, entre outros importantes nomes. Neste trabalho, entretanto, consideramos o pioneirismo do pesquisador britânico e, por isso, ao refletirmos sobre a Análise de Discurso Crítica, estamos nos referindo à abordagem discursiva de Norman Fairclough, que trabalha, sob o nosso ponto de vista, como uma espécie de recurso metonímico expressivo e representativo da Análise de Discurso Crítica como um todo.

Um dos focos da Análise de Discurso Crítica é tomar o discurso como linguagem em uso, estabelecendo uma relação entre materialidade linguística e os problemas sociais contemporâneos com seus efeitos. Assentada na análise detalhada de textos, a ADC se constitui como uma análise de discurso textualmente orientada que se serve, primordialmente, dos pressupostos sobre texto e linguagem da Linguística Sistêmico-Funcional de Michael Halliday<sup>3</sup>.

Norman Fairclough (2003, p.14), todavia, defende que nenhuma análise de texto, por si só, dá conta de informar tudo sobre ele. Por essa razão, o autor defende uma investigação transdisciplinar de textos por meio de teorias sociais para o estudo do binômio linguagem-sociedade. Dessa forma, sua abordagem recorre a teorias de base social, a exemplo do Realismo Crítico, da Escola de Frankfurt e da Etnografia, para citar algumas.

Assim, o estudo da emergência da ADC como um paradigma transdisciplinar é relevante por, pelo menos duas razões: 1) porque localiza e descreve a ADC como um programa utilizável a especialistas e não especialistas interessados em desvelar a relação entre discurso e linguagem, e 2) porque problematiza a confluência entre a linguística e as ciências sociais, das quais a ADC é tributária.

Como metodologia de estudo, nos guiamos pelos pressupostos sobre a historiografia linguística, notadamente os escritos de Konrad Koerner (1996) e Pierre Swiggers (2010). Koerner (1996, p. 45) define a historiografia linguística como “o modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios científicos”. Swiggers (2010, p. 2), por sua vez, afirma que “a historiografia linguística é o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e a explicação em termos de fatores intra e extradisciplinares”. A condição descrita por esse último teórico amplia a investigação da linguagem para outros campos do saber.

De acordo com Milani (2011, p. 10), a historiografia pode ser vista como o campo que se ocupa da linguagem ao longo do tempo. Isto é, ela se concentra em uma elaboração crítica – interpretativa e explicativa – do ponto de vista histórico, social e cultural da produção linguística, o que se mostra coerente com a proposta de pesquisa apresentada neste trabalho.

---

<sup>3</sup> Neste artigo, todas as vezes que mencionamos a Linguística Sistêmico-Funcional estamos nos referindo aos pressupostos funcionalistas de Halliday ou de Halliday e Matthiessen.

## **Análise de Discurso Crítica: por que transdisciplinar?**

Neste estudo, partimos do pressuposto de que a formação da Análise de Discurso como um paradigma transdisciplinar de pesquisa ocorre por via de uma influência que ela recebe das teorias sociais críticas, mas também por via de uma retomada que a ADC faz de conceitos e ferramentas linguísticas calcados na teorização funcionalista de Michael Halliday.

Assim sendo, nossa incursão por essa investigação perpassa a compreensão do escopo de formação da Análise de Discurso Crítica, considerando o que, de um lado, a caracteriza como uma análise de discurso com objetivo de transformação social e, de outro, o que a caracteriza como uma análise de discurso focada na análise de textos.

### **O viés social da Análise de Discurso Crítica**

No artigo *Critical and descriptive goals in discourse analysis* (1985), Fairclough estabeleceu as primeiras diretrizes para uma análise de discurso focada no estudo da linguagem alinhada ao curso das dinâmicas e transformações sociais. Particularmente interessado na relação entre linguagem e poder, o autor assinala que, para a Análise de Discurso Crítica, “a questão sobre como o discurso gradualmente reproduz as macroestruturas formam o ponto central do esforço de explicação” (FAIRCLOUGH, 1985, p. 45. Tradução nossa)<sup>4</sup>.

Segundo Magalhães (2004, p. 119), o artigo de Fairclough desencadeou uma série de importantes debates no Centro de Linguagem na Vida Social, localizado na Universidade de Lancaster (Grã-Bretanha), onde Fairclough atua como professor e pesquisador. Nas discussões que circulavam pela instituição em 1985, a pauta versava sobre a linguagem como prática social e seu papel nas transformações econômicas e culturais do neocapitalismo.

A partir do artigo inaugural, Fairclough seguiu desenvolvendo seu escopo teórico, recebendo influências de diversas disciplinas e influenciando tantas outras

---

<sup>4</sup> For critical discourse analysis, on the other hand, the question of how discourse cumulatively contributes to the reproduction of macro structures is at the heart of the explanatory endeavour.

áreas de estudo. Nesse caminho, os estudos sobre a modernidade recente<sup>5</sup> impactaram, sobremaneira, a constituição da ADC. Anthony Giddens (1991), por exemplo, fornece um pressuposto fundamental à discussão que a ADC promove acerca das implicações do discurso para o desenvolvimento das instituições modernas. Baseada na acumulação flexível e na transnacionalização, a modernidade recente é uma fase marcada especialmente pela separação de tempo e espaço.

O sociólogo postula que o discurso é moldado e restringido pela estrutura social. Partindo disso, Fairclough e Chouliaraki, no livro *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis* (1999, p. vii) refletem sobre as mudanças geradas por economias baseadas no conhecimento e na produção de bens que demonstram ter, a cada dia, um caráter mais linguístico.

Nesse caminho, a linguagem foi se tornando, conforme entendem os autores supracitados, “parte do serviço em economias de serviço”, o que transformou aquela em algo mais atraente e comerciável para atendimento de interesses econômicos, organizacionais, políticos e com propósito de lucro (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 113). Tal conjuntura explica, então, como a linguagem passou a ocupar a posição central do modo de produção do novo capitalismo. E mais: como a linguagem se tornou objeto de interesse para estudo de questões sociais, preocupação central da ADC.

O diálogo entre Fairclough e Giddens teve início no livro *Discourse and social change* (1992)<sup>6</sup> e se mostrou mais estreito em *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*, de 1999. Neste último, Fairclough e Chouliaraki introduziram a noção de discurso como elemento da prática social, conforme pode ser visto a seguir: “[A prática social é] um ponto de conexão entre as estruturas sociais abstratas e eventos concretos – entre ‘sociedade’ e pessoas vivendo suas vidas.” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21. Tradução nossa).<sup>7</sup>

Ao conceituar discurso como elemento da prática social, Fairclough o faz de maneira a explicar a relação dialética entre discurso e sociedade, especificamente traduzida na relação entre prática e estrutura social, sendo a última tanto condição

---

<sup>5</sup> Tradução nossa para *late modernity*.

<sup>6</sup> Neste trabalho utilizamos a versão em português da obra, traduzida por Izabel Magalhães, e publicada pela editora UnB em 2016.

<sup>7</sup> [...] a point of connection between abstract structures and their mechanisms, and concrete events – between ‘society’ and people living their lives.

quanto efeito da primeira. O trabalho do discurso a partir da prática social precisa ser pensado como um modo de ação sobre o mundo e sobre a sociedade, um modo de ação historicamente situado, constituído socialmente e constitutivo de identidades e representações.

O conceito de prática social cunhado por Chouliaraki e Fairclough (1999) tem origem no materialismo histórico-geográfico de David Harvey, autor que elaborou o chamado mapa cognitivo do processo social, definindo seis momentos do processo social, do qual o discurso é um. Os momentos identificados por Harvey são: discurso/linguagem; poder; relações sociais; práticas materiais; instituições/rituais; e crenças/valores/desejos.

Baseados nisso, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 28. Tradução nossa) teorizam que “o discurso internaliza tudo o que acontece nos outros momentos das práticas sociais”<sup>8</sup>, o que nos permite dizer que o discurso é parte da ação e da construção reflexiva da vida social.

Em sua teorização, Fairclough também relaciona a prática social ao conceito de ideologia, originário do marxismo estrutural de Louis Althusser, e ao conceito de hegemonia, cunhado e defendido por Antonio Gramsci. O pressuposto acerca da ideologia agrega ao discurso a possibilidade de se estudar também a formação do sujeito, o qual, segundo Fairclough, é veementemente negado em outras abordagens teóricas sobre o discurso (FAIRCLOUGH, 2016, p. 121).

A ADC reconhece o trabalho de naturalização construído pelas ideologias dentro de práticas discursivas que se mostram extremamente eficazes do ponto de vista de atingir e manter o status de senso comum para muitos problemas do mundo. Entretanto, em questionamento ao conceito althusseriano, Fairclough defende que a ideologia se manifesta justamente como um ponto de luta ideológica, o “lugar” em que se travam lutas para reestruturação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2016, p. 122).

Salvaguardadas suas limitações, o conceito de ideologia de Althusser é utilizado, dentro da perspectiva de Fairclough, como uma espécie de contrapeso que funciona como recurso capaz de expressar as relações dialéticas entre estrutura social e eventos. Fairclough, contudo, não deixa de reconhecer a ênfase

---

<sup>8</sup> [...] discourse internalizes in some sense everything that occurs in the other moments of social practices [...]

reprodutivista em detrimento do viés transformacionista presente na teoria althusseriana.

Com isso em vista, depreendemos a tentativa do estudioso em exercer um equilíbrio entre o sujeito que se encontra sob efeito ideológico – interpelado e sem possibilidade de contestação – e o sujeito criativamente ativo e capaz de estabelecer conexões entre práticas e estruturas, isto é, o sujeito capaz de remodelar o estado das coisas (FAIRCLOUGH, 2016, p. 126).

Nessa via, o conceito de hegemonia de Gramsci, representante da primeira geração da Escola de Frankfurt, se harmoniza com a definição de discurso proposta por Fairclough, uma vez que coaduna com a ideia de evolução em relação à mudança social, cerne do paradigma da Análise de Discurso Crítica. As hegemonias em organizações e instituições particulares e na sociedade são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no e pelo discurso. Pode-se dizer que elas funcionam, então, mais como uma aliança e uma integração do que como a dominação de grupos minoritários ou de classes subalternas. Ao se colocar foco sobre a hegemonia, estabelece-se atenção constante à “luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 127).

Há nessa reflexão, uma tentativa de Fairclough para demonstrar, com clareza e historicidade, a possibilidade de mudança das relações sociais assimétricas, por meio do discurso. Em suma, a hegemonia fornece à ADC a possibilidade de analisar a prática social em termos de relações de poder, o que significa observar se tais relações reproduzem, reestruturam ou desafiam hegemonias existentes. Essa elaboração lança luz sobre a mudança a partir do discurso, principal preocupação teórica de Fairclough (FAIRCLOUGH, 2016, p. 131).

Ao propor a desnaturalização das normas ideológicas dominantes, Fairclough chega àquele que é considerado o ponto fundamental e que reitera o ineditismo teórico na ADC: a noção de resistência e de mudança social por meio do discurso e do funcionamento da linguagem.

A analista de discurso Ruth Wodak, que trabalhou em conjunto com Fairclough na formação da ADC enquanto um programa internacional de pesquisa, explica que o termo crítica, expresso no nome Análise de Discurso Crítica, encontra

explicação na heterogeneidade de pesquisadores e de pesquisas deste que é considerado um paradigma transdisciplinar de estudo (WODAK, 2001, p. 9).

De certa forma, por causa de sua perspectiva crítica, a ADC acabou ganhando fama de estudar o discurso sob o ponto de vista dos menos favorecidos e de vislumbrar a língua como instrumento de poder e responsável pelas desigualdades sociais. Nesse sentido, Wodak (2001, p. 11) frisa que o poder está relacionado a relações de diferença e, particularmente, a efeitos das diferenças nas estruturas sociais. Sendo assim, o texto é a instância na qual discursos e ideologias travam lutas em busca de dominação ou de resistência, o que pressupõe um ponto de vista crítico capaz de desvelar tal cenário.

Meyer (2001) concorda que, em grande parte das pesquisas, a ADC assume a frente dos pouco privilegiados, quase sempre em busca de revelar os significados linguísticos que contribuem para estabilizar ou intensificar as desigualdades sociais. O autor, todavia, adverte que mais do que desvelar a relação dominante/dominado, a Análise de Discurso Crítica se interessa por demonstrar a relação entre discursos e contexto, com associação de elementos históricos, incluindo fatores como cultura, sociedade e ideologia. “A ADC não toma a relação [linguagem e sociedade] de forma determinista, ao contrário disso, ela invoca uma ideia de mediação”<sup>9</sup>. (MEYER, 2001, p. 15. Tradução nossa).

Meyer ressalva ainda que a mediação entre o linguístico e o social é um processo inconsciente, independente da ciência ou da concordância por parte do interlocutor. É algo dado no discurso e que requer, portanto, instrumentos que sejam capazes de desnaturalizar essas relações.

O lugar da crítica na Análise de Discurso Crítica também é preenchido pela influência que o Realismo Crítico exerceu na constituição daquele paradigma. Iniciado pelo filósofo inglês Roy Bhaskar, o Realismo Crítico foi um movimento internacional na filosofia e nas ciências humanas, que surgiu como uma alternativa para as ciências naturais e sociais.

Barros, Resende e Vieira (2016, p. 13) esclarecem que, para o Realismo Crítico, a realidade é formada por dimensões profundas e não diretamente observáveis, o que significa que algo se aloja “abaixo da superfície” e não pode ser descoberto diretamente na empiria. É justamente esse o ponto de interesse das

---

<sup>9</sup> CDA does not take this relationship to be simply deterministic but invokes an idea of mediation.

teorias que dialogam com o Realismo Crítico: o conhecimento precisa fazer sentido para que a realidade possa ser transformada, sendo, portanto, necessário penetrar na origem dos problemas sociais – com suas estruturas, mecanismos e poderes – para, então, produzir uma “crítica explanatória” que possa explicar a vida social e transformá-la.

Os pressupostos do Realismo Crítico contribuíram significativamente para que Fairclough conseguisse organizar uma proposta teórico-analítica por meio da qual fosse possível identificar problemas sociais materializados em textos de ordem oral, escrita ou multimodal, com vistas a transformar as estruturas sociais e, conseqüentemente, os problemas surgidos dela.

Obviamente, a relação entre a Análise de Discurso Crítica e teorias sociais não se esgotam no breve histórico que apresentamos nesta seção do artigo. O nosso objetivo aqui é, de forma geral, relacionar alguns dos tantos autores que constituem um papel fundamental no desenvolvimento da transdisciplinaridade que envolve a abordagem discursiva de Fairclough e, por consequência, a ADC.

### **O viés linguístico da Análise de Discurso Crítica**

O viés linguístico na formação do paradigma transdisciplinar da Análise de Discurso Crítica ocorre, do nosso ponto de vista, por contribuição de, pelo menos, dois conceitos cunhados e defendidos por Michael Halliday: a perspectiva sociossemiótica da linguagem e a noção de metafunções da linguagem. Esses são preceitos amalgamados à formação da abordagem faircloughiana, seja por meio de citações explícitas ou de conformações implícitas ao longo das publicações do analista de discurso.

Na abordagem teórica de Fairclough, a linguagem é o elemento responsável por tornar a prática social eminentemente discursiva (FAIRCLOUGH, 2016, p. 99). Compreender a linguagem dentro de um processo social, ou seja, como prática social, traz como implicação a ideia de que a própria linguagem precisa ser vista sob um ponto de vista social e semiótico, razão pela qual o analista de discurso toma de empréstimo a concepção hallidayana de linguagem sociossemiótica.

A perspectiva sociossemiótica da linguagem é definida por Halliday (1991, p.04) como um conjunto de sistemas e de significados abertos à vida social. No que diz respeito ao termo ‘social’ incorporado ao conceito de sociossemiótica, Halliday o

utiliza como sinônimo de cultura para indicar as relações existentes entre linguagem e estrutura social (HALLIDAY, 1991, p. 04). O linguista enfatiza que os sistemas linguísticos são abertos porque eles não trabalham individualmente, sendo, por isso, entrecortados por relações das mais diversas naturezas, sobretudo, aquelas que têm origem no social. Daí por que sua perspectiva se define como semiótica e social (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p. 25).

O ato de linguagem é, sob a rubrica do funcionalismo, um ato de significado, ou seja, uma forma de agir semioticamente e, nesse sentido, “a linguagem é um potencial de significado compartilhado, tanto uma parte quanto uma interpretação intersubjetiva da experiência” (HALLIDAY, 1982, p. 10. Tradução nossa).<sup>10</sup> Em outros termos, para esse autor, a linguagem é um potencial daquilo que alguém pode fazer no sentido linguístico. O que uma pessoa pode decidir fazer (como falante ou ouvinte) equivale ao que ela pode significar. Dessa forma, o potencial da linguagem é o que podemos significar (sistema semântico) por meio do que podemos dizer (sistema léxico-gramatical) (HALLIDAY, 1982, p. 41).

Halliday defende que qualquer relação entre linguagem, sociedade e cultura só pode ser extraída e pensada no texto e pelo texto porque esse está vinculado à semiótica linguística e se constitui a principal unidade de análise na Linguística Sistêmico-Funcional. Para Halliday (1991, p. 10), texto é todo fragmento de linguagem viva, parte de um contexto de situação que produz significados, o que implica considerá-lo como uma unidade semântica e produtora de sentidos. Em outras palavras: “Texto é qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faça sentido para alguém que conhece a linguagem.” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 4-5. Tradução nossa).<sup>11</sup>

O texto, nesse cenário, pode ser pensado como uma rede de opções que determinam o que um participante pode dizer sobre algo. Ele carrega um potencial para a realização de significados que constitui uma gama paradigmática de opções semânticas presentes no sistema a que os membros de uma cultura têm acesso em sua língua. Assim, qualquer texto é apenas uma dentre uma série de possíveis textualizações.

<sup>10</sup> En ese sentido, el lenguaje es un potencial de significado compartido, a la vez tanto una parte como una interpretación intersubjetiva de la experiencia.

<sup>11</sup> The term ‘text’ refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language.

Halliday afirma que todo texto é inseparável de seu contexto – variável –, o que explica serem ambos, texto e contexto, partes de um mesmo processo: “Existe um texto e outro texto que o acompanha: um texto que está junto, nomeado de contexto” (HALLIDAY, 1991, p. 05. Tradução nossa)<sup>12</sup>. É por meio da noção de contexto que o linguista constrói a ponte entre texto e sua situação (ambiente) de produção.

Os pressupostos sobre contexto de situação propalados pela Linguística Sistêmica são oriundos dos trabalhos desenvolvidos pelo antropólogo polonês Bronislaw Malinowski, que Halliday conheceu por meio de seu professor e orientador, John Rupert Firth. Durante os anos de 1923 e 1935, Malinowski analisou diálogos que teve com moradores das Ilhas Trobriand, localizadas na região sul do pacífico e onde se fala a língua Kiriwinian. Um dos grandes desafios do pesquisador foi tornar inteligíveis e traduzíveis para o inglês os textos nativos que estudou, o que o levou a recriar todo o ambiente de uso do Kiriwinian para posterior explicação e tradução ao o inglês (HALLIDAY, 1991, p. 05).

Ao ambiente e às circunstâncias imediatas e extralinguísticas emergentes dos textos, Malinowski deu o nome de contexto de situação (HALLIDAY, 1991, p. 06). Com o trabalho, o antropólogo inaugurou um método que investiga a linguagem em ação, propondo atenção, por parte de pesquisadores, às interações entre participantes no desenvolvimento da linguagem. Em outros termos, foi por influência de Malinowski que se formou a base sobre funcionamento linguístico e contexto, a qual se desdobrou, mais tarde, na formação da perspectiva sociosemiótica da linguagem de Halliday, sendo essa última finalmente utilizada por Fairclough na formação de sua abordagem discursiva.

O texto é, para Fairclough (2016, p. 51), produto e processo do contexto social, de ações praticadas por agentes, em circunstâncias diversificadas. Portanto, o autor afirma ser possível e necessário estudar (descrever, interpretar) textos como parte de processos e como eventos interativos que desenvolvem uma troca social de significados entre indivíduos singulares.

Claramente, a presença de aspectos funcionais na ADC se justifica pela forma como a Linguística Sistêmico-Funcional define e trabalha o texto: um recurso por meio do qual as pessoas interagem, fazem escolhas sobre o que dizer, a partir

---

<sup>12</sup> There is a text and there is other text that accompanies it: text that is ‘with’, namely the con-text.

do sistema semiótico que lhes é disponibilizado. Na mesma via, para a Análise de Discurso Crítica, o texto se expressa na linguagem em uso, variável e parte irreduzível da vida social. É sob esse propósito que Fairclough se concentra ao reunir análise linguística baseada na LSF e teorias sociais: ele quer estabelecer uma análise orientada linguisticamente, tomando o discurso como um evento do qual o texto e sua interação são produtos.

Magalhães (2005, p. 235) esclarece que, no enquadre da ADC, o texto como elemento semiótico da prática social figura como contribuição discursiva produzida em um contexto social para ser retomada, incorporada, questionada, ecoada, ironizada ou transformada em outros contextos espaciais e temporais.

A perspectiva sociossemiótica da linguagem é o ponto de partida (e de chegada) na proposta teórica de Halliday, uma vez que daquela surge o talvez mais reconhecido e aplicado pressuposto do funcionalismo hallidayano: as metafunções da linguagem.

Halliday defende que a linguagem apresenta inúmeras realizações relacionadas a fatores extralinguísticos, sendo, por isso, um recurso utilizado para a troca de significados em um meio social, de modo que os interactantes possam estabelecer determinados papéis sociais.

Nesse sentido, um traço geral da linguagem, para Halliday, é a sua organização funcional, conforme explica o próprio autor:

No seu sentido mais simples, o termo função pode ser entendido como um sinônimo da palavra uso. [...] As pessoas fazem diferentes coisas com a linguagem; ou seja, elas esperam atingir, por meio da fala e da escrita, do ato de ouvir e da leitura, um grande número de diferentes objetivos e propósitos (HALLIDAY, 1991, p. 15. Tradução nossa).<sup>13</sup>

Na visão do funcionalista, a condição funcional da linguagem rege toda a produção de enunciados. Ainda sobre a aplicabilidade do termo função, o fundador da Sociedade Internacional de Linguística Sistemico-Funcional, Andre Martinet, assinala que a nomenclatura 'funcional' expressa sentido somente quando reporta o papel da língua na comunicação e na experiência com o outro (NEVES, 1997, p. 5-6).

<sup>13</sup> In the simplest sense, the word 'function' can be thought of as a synonym for the word 'use'. [...] People do different things with their language; that is, they expect to achieve by talking and writing, and by listening and reading, a large number of different aims and different purposes.

As metafunções são manifestações, no sistema linguístico semântico, dos propósitos que abarcam os usos da linguagem, o que inclui: compreender o meio (metafunção ideacional), relacionar-se com os outros (metafunção interpessoal), organizar a informação (metafunção textual). O objetivo maior do mecanismo de interpretação textual, por meio das metafunções, é mostrar que existe correlação entre a situação e o próprio sistema semântico dentro do qual um texto é produzido.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 29), a metafunção ideacional serve, em primeiro lugar, à expressão do conteúdo. É por meio dela que os falantes/autores incorporam suas experiências com os fenômenos do mundo real, o que pode ser analisado via sistema de transitividade das orações.

A metafunção interpessoal, por sua vez, é descrita por Halliday e Matthiessen (2004, p. 30) como aquela que permite ao falante/autor participar do evento de fala, expressando seu julgamento pessoal. Ela expressa a interação entre os participantes de um evento comunicativo e, nesse contexto, a oração é vista como troca de informações ou bens e serviços, sendo analisada pelo sistema Modo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 30).

Já a metafunção textual, é, na explicação de Casseb-Galvão (2006, p. 146), uma metafunção instrumental para as duas anteriores. Por meio dela, a linguagem contextualiza as unidades linguísticas. O discurso se torna possível porque o emissor pode produzir um texto e o ouvinte consegue reconhecê-lo (NEVES, 1997, p. 13). A metafunção textual vislumbra a oração como mensagem e distingue seus elementos entre Tema e Tema, com base no sistema Tema-Rema.

Os pressupostos metafuncionais elaborados por Michael Halliday se revelaram procedimentos constitutivos muito úteis à ADC, principalmente a partir de *Analysing discourse: textual analysis for a social research*, publicado em 2003, livro no qual o Fairclough propõe a criação de significados do discurso a partir de uma recontextualização das metafunções de Halliday.

Assim como a LSF se dedica ao estudo da multifuncionalidade dos textos, Fairclough também enxerga os textos como multifuncionais, porém, de acordo com uma distinção que ele mesmo empreende, isto é, considerando que o texto funciona socialmente como uma forma de agir (gênero), representar (discursos) e identificar (estilo). Gênero, discursos e estilo são elementos conformadores da ordem de discurso, que para Fairclough, é responsável por selecionar possibilidades definidas

por sistemas semióticos e excluir outras (FAIRCLOUGH, 2003, p. 24). Isto é, gênero, discursos e estilo contribuem para, no âmbito da ordem do discurso, controlar a variabilidade linguística em áreas específicas da vida social.

Além do mais, gênero, discursos e estilo funcionam, do ponto de vista do analista de discurso, como as três formas pelas quais o discurso se manifesta na prática social. A partir desse entendimento, Fairclough (2003, p. 27) propõe três tipos de significado:

Os três tipos principais de significado podem ser distinguidos para fins de análise textual: significados que um texto possui como parte da ação em eventos sociais (acionais), significados que pertencem à representação do mundo em textos (representacional), e significados que pertencem à construção textual das identidades das pessoas (identificatórios). Esses três tipos ou aspectos de significado estão sempre co-presentes em textos. A distinção entre eles é análoga à distinção entre as funções principais ou 'macro' da linguagem na Linguística Sistemico-Funcional (FAIRCLOUGH, 2003, p. 225. Tradução nossa)<sup>14</sup>.

Como resultado disso, a teorização faircloughiana fez nascer o significado representacional, em correspondência à metafunção ideacional. Substituindo a metafunção interpessoal, Fairclough propôs o significado identificacional. E, por fim, a metafunção textual, da LSF, deu lugar ao significado acional na abordagem de Fairclough.

É notável que reorientação das metafunções em significados do discurso coloca foco sobre o trabalho das ordens de discurso e descortina um importante efeito sobre a perspectiva teórica de Fairclough, que passa a demonstrar mais claramente a dialética entre discurso e problemas sociais, tendo em vista que é nas ordens do discurso que a relação entre discurso e sociedade acontece.

Para além disso, a ressignificação de pressupostos sobre a concepção funcional da linguagem ratifica o interesse de pesquisa de Fairclough em perpetuar uma teoria de discurso socialmente aplicável, por meio do diálogo com teorias sociais, sem, contudo, promover um afastamento da base textual que a originou.

---

<sup>14</sup> Three primary types of meaning can be distinguished for purposes of textual analysis: meanings which a text has as a part of the action in social events (actional), meanings which appertain to the representation of the world in texts (representational), and meanings which appertain to the textual construction of people's identities (identificatory). These three types or aspects of meaning are always co-present in texts. The distinction between them is analogous to the distinction between the major or 'macro' functions of language in Systemic Functional Linguistics.

## Considerações finais

Neste artigo, procuramos empreender uma discussão sobre a emergência transdisciplinar da Análise de Discurso Crítica, considerando que esse paradigma de pesquisa emerge da interface entre as teorias sociais e a Linguística Sistêmico-Funcional e vem sendo produtivamente utilizada em diversas esferas do conhecimento.

Preconizamos que a influência das teorias sociais sobre a ADC trouxe a essa última a oportunidade de desvelar, por meio de texto, questões e estruturas cristalizadas da vida social, com o objetivo de promover a transformação social no e pelo discurso. Da Escola de Frankfurt, passando pelo Realismo Crítico, até a Etnografia, os pressupostos teóricos sociais se revelam fundamentais para o desenvolvimento do conceito de discurso como prática social, o que requer considerar uma salutar contribuição do contexto sobre a linguagem, como se observa na abordagem discursiva de Norman Fairclough.

De outro lado, a Linguística Sistêmico-Funcional creditada a Michael Halliday também foi fundamental para que a Análise de Discurso Crítica pudesse se fundamentar como uma análise de discurso textualmente orientada, conforme cunha e defende Norman Fairclough. Essa influência se dá, como pensamos, por via de dois preceitos teóricos fundamentais: a perspectiva sociossemiótica da linguagem e a perspectiva funcional da linguagem, isto é, as metafunções da linguagem.

Do nosso ponto de vista, a perspectiva sociossemiótica da linguagem oportuniza à ADC pensar e trabalhar a linguagem como um sistema aberto e entrecortado por relações das mais diversas naturezas, sobretudo, as de origem social. Essa noção foi extremamente valiosa à teorização de Fairclough porque ela ofereceu ao autor ferramentas para ele conjecturar a transformação social por meio da linguagem.

Adicionalmente, as metafunções da linguagem também se mostraram inegavelmente úteis à ADC por ser por meio delas que Fairclough repensou os diferentes papéis da linguagem na vida social de seus interactantes. A recontextualização que Fairclough promove das metafunções em significados do discurso nos lembra de que Fairclough se encaminha, cada vez mais, para a investigação das determinações do social sobre o linguístico e para a problematização de questões sociais pela linguagem, sem desconsiderar, nesse

mérito, a relevância de uma abordagem discursiva orientada linguisticamente e apoiada em categorias de análise de textos.

## Referências

- BARROS, S. M. de; RESENDE, V. de M.; VIEIRA, V. Realismo crítico e análise de discurso crítica: hibridismos de fronteiras epistemológicas, **Polifonia**, v. 23, n. 33, p.11-28, 2016.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. A noção de funções da linguagem: percurso teórico. **Signótica Especial**, n. esp. 2, p. 133-152, 2006.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: ethinking critical discourse analysis**. 1. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. Critical and descriptive goals in discourse analysis. **Journal of Pragmatics**, n. 9, p. 739-763, 1985.
- FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. 1. ed. Cambridge, Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. 1. ed. London; New York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.
- KOERNER, K. Questões que persistem em historiografia linguística. **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 2, p. 45-70, 1996.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- HALLIDAY, M. A. K. **El lenguaje como semiótica social: la interpretación del lenguaje y del significado**. Traducción de Jorge Ferreiro Santana. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- HALLIDAY, M. A. K. Part A. In: **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2004.
- HARVEY, D. **Justice, nature and the geography of a difference**. London: Blackwell, 1996.
- MAGALHÃES, I. Teoria Crítica do Discurso e do Texto. In: **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 113-131, 2004.

MAGALHÃES, I. Análise do discurso publicitário. **Revista da Abralin**, v. 4, n. 1 e 2, p. 231-260, 2005.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MEYER, M. Between theory, method, and politics: positioning of the approaches to CDA. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (Org.) **Methods of critical discourse analysis**. London; Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 2001. p. 14-31.

MILANI, S. **Historiografia-linguística de Ferdinand Saussure**. Goiânia: Kelps, 2011.

NEVES, M. H. de M. **A gramática sistêmico-funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SWIGGERS, P. História e historiografia da linguística: status, modelos e classificações. Tradução de Cristina Altman. **Revista Eutomia**, v. 2, p. 1 -17, 2010. Disponível em: <https://lirias.kuleuven.be/bitstream/123456789/297572/1/PTEutomia.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2020.

WODAK, R. What CDA is about – a summary of its history, important concepts and its developments. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (Orgs.) **Methods of critical discourse analysis**. London;Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JATAÍ

Recebido em 31 de março de 2022  
Aprovado em 02 de junho de 2022